



**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE FRANCÊS**

NATÁLIA OÁSIS DE OLIVEIRA

***UN THÉ DANS LA TOUNDRA* DE JOSÉPHINE BACON:
LITERATURA INDÍGENA DO QUEBEC NO ENSINO DE
FRANCÊS**

Rio de Janeiro

2025

NATÁLIA OÁSIS DE OLIVEIRA

***UN THÉ DANS LA TOUNDRA* DE JOSÉPHINE BACON: LITERATURA INDÍGENA
DO QUEBEC NO ENSINO DE FRANCÊS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Ensino de Francês do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Francês.

Orientador(a): Prof. Dr. Luciano Passos Moraes

Rio de Janeiro

2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

O48 Oliveira, Natália Oásis de
Un thé dans la toundra de Joséphine Bacon: literatura indígena do Quebec no ensino de francês / Natália Oásis de Oliveira. - Rio de Janeiro, 2025.

29 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Francês) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Luciano Passos Moraes.

1. Língua francesa - Estudo e ensino. 2. Literatura indígena – Quebec (Canadá : Província). 3. Bacon, Joséphine. 4. Interculturalidade. I. Moraes, Luciano Passos. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 440

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

NATÁLIA OÁSIS DE OLIVEIRA

***UN THÉ DANS LA TOUNDRA* DE JOSÉPHINE BACON: LITERATURA INDÍGENA
DO QUEBEC NO ENSINO DE FRANCÊS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Ensino de Francês do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Francês.

Aprovado em maio de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Luciano Passos Moraes
Colégio Pedro II
Orientador

Profª. Dra. Patrícia Alves Carvalho Corrêa
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao colega e amigo João Vicente que divulgou a especialização e me deu a oportunidade de fazer parte da primeira turma e viver essa experiência ímpar.

Ao Colégio Pedro II pelo espaço para que a Especialização em Ensino de Francês se tornasse uma realidade.

Aos professores, em especial, ao meu orientador Luciano Passos Moraes, que me acompanhou de perto com muita generosidade e sensibilidade. Também gostaria de destacar, nestes agradecimentos, o professor Edmar Guirra que materializou em uma obra tão bonita, *Vão* (2025), nossos trabalhos, oriundos das discussões sobre questões da contemporaneidade e o ensino de francês.

A todos os colegas de jornada que se emolgaram e encurtaram a distância imposta pela tela. Principalmente, a Samanta Siqueira, que compartilhou o processo de escrita do TCC comigo, foi apoio e incentivo quando precisei. Espero encontrá-los pessoalmente em breve.

Por fim, a Pedro Reis que me deu apoio (e comidinhas) enquanto eu não saía do computador.

*Nous sommes rares
nous sommes riches*

*comme la terre
nous rêvons*

(Joséphine Bacon, 2009)

RESUMO

OÁSIS DE OLIVEIRA, Natália. *Un thé dans la toundra de Joséphine Bacon: literatura indígena do Quebec no ensino de francês*. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Francês) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2025.

A temática indígena vem surgindo com mais frequência em contextos acadêmicos, eventos literários e na mídia em geral. Há muitos escritores indígenas sendo publicados e se publicando tanto em suas línguas maternas quanto em línguas de países colonizadores (português, francês, inglês, etc.). No norte global, a província do Quebec, Canadá, destaca-se na produção de literatura indígena em francês. Joséphine Bacon é uma poeta innue dessa região que privilegia as publicações bilíngues — francês e innu-aimun — como forma de marcar sua posição heterogênea e decolonial. A educação, por sua vez, também é um caminho para essa descolonização dos saberes ao tratar de questões complexas sem pretender dar soluções prontas. As línguas estrangeiras, especificamente, são disciplinas privilegiadas no debate de questões interculturais e sociais ao assumirem a tensão entre as referências dos países colonizadores e as reivindicações dos falantes atuais. Nesse contexto, este estudo se propõe a explorar possibilidades de abordagens pedagógicas a partir do poema “Ce matin”, publicado na coletânea *Un thé dans la toundra / Nipishapui nete mushuat* de Bacon para o ensino e aprendizagem de francês sob uma perspectiva decolonial e intercultural. Assim, as reflexões apresentadas mobilizam a interculturalidade e a interdisciplinaridade na aprendizagem de francês. Com isso, busca-se contribuir para a difusão e o estudo tanto da artista quanto da literatura indígena em francês no Brasil visando possíveis comparações com autores indígenas brasileiros. Além disso, acredita-se que essa abordagem intercultural pode aumentar o interesse dos estudantes pela literatura por meio da reflexão sobre língua, identidade, memória e cultura.

Palavras-chave: Joséphine Bacon; literatura indígena no Quebec; ensino de francês; interculturalidade.

RÉSUMÉ

OÁSIS DE OLIVEIRA, Natália. *Un thé dans la toundra de Joséphine Bacon: literatura indígena do Quebec no ensino de francês*. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Francês) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2025.

La thématique autochtone apparaît de plus en plus fréquemment dans les contextes académiques, les événements littéraires et les médias en général. De nombreux écrivains autochtones sont publiés ou se publient eux-mêmes, à la fois dans leurs langues maternelles et dans les langues des pays colonisateurs (portugais, français, anglais etc.). Dans le Nord global, la province du Québec, au Canada, se distingue par la production de littérature autochtone en langue française. Joséphine Bacon est une poétesse innue de cette région, qui privilégie les publications bilingues — en français et en innu-aimun — comme moyen d'affirmer sa position hétérogène et décoloniale. L'éducation, quant à elle, représente également une voie vers la décolonisation des savoirs, en abordant des questions complexes sans prétendre apporter des solutions toutes faites. Les langues étrangères, en particulier, constituent des disciplines privilégiées pour le débat sur les enjeux interculturels et sociaux, car elles assument la tension entre les références des pays colonisateurs et les revendications des locuteurs actuels. Dans ce contexte, cette étude propose d'explorer des pistes d'approches pédagogiques à partir du poème « Ce matin », publié dans le recueil *Un thé dans la toundra / Nipishapui nete mushuat* de Bacon, pour l'enseignement et l'apprentissage du français dans une perspective décoloniale et interculturelle. Ainsi, les réflexions présentées mobilisent l'interculturalité et l'interdisciplinarité dans l'apprentissage du français. L'objectif est de contribuer à la diffusion et à l'étude de l'œuvre de l'artiste ainsi que de la littérature autochtone francophone au Brésil, en envisageant des comparaisons possibles avec des auteurs autochtones brésiliens. En outre, on estime que cette approche interculturelle peut susciter un plus grand intérêt des élèves pour la littérature, à travers une réflexion sur la langue, l'identité, la mémoire et la culture.

Mots-clés : Joséphine Bacon ; littérature autochtone au Québec ; enseignement du français ; interculturalité.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
2 POÉTICAS INDÍGENAS EM FRANCÊS.....	13
2.1 Literatura indígena no Quebec	13
2.2 Joséphine Bacon.....	14
3 LITERATURA INDÍGENA E O ENSINO DE FRANCÊS	17
3.1 Livro <i>Un thé dans la toundra</i>	17
3.2 Análise do poema selecionado	18
3.3 Possibilidades para ensino de francês com o poema “Ce matin”	21
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	28

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nota-se um interesse crescente pela temática indígena mundo afora, seja em contextos acadêmicos e nos eventos literários, seja na mídia em geral. As literaturas indígenas, há muito tempo germinadas, começam a crescer e dar mais frutos, tanto em línguas indígenas quanto nas línguas dos países colonizadores, como o português, francês e inglês. Na província francófona do Quebec, Canadá, a poeta e documentarista innue¹ Joséphine Bacon é um exemplo do papel de resistência e infiltração que a literatura indígena desempenha no sistema hegemônico, isto é, no sistema literário e artístico de língua francesa. A autora publica obras bilíngues, em francês e innu-aimun, por meio das quais consegue criar espaços e dar visibilidade para a arte e a resistência política dos povos originários do Canadá. No Brasil, também há expoentes da literatura indígena que buscam amplificar suas vozes de resistência e ativismo escrevendo tanto em língua indígena quanto em português, a exemplo de Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Kaká Werá, Graça Graúna, Márcia Kambeba e tantos outros.

Nesse sentido, se a necessidade de se falar da temática indígena em sala de aula só aumenta, no âmbito do ensino de francês isso não poderia ser diferente. Acredita-se, portanto, que trazer documentos relacionados aos povos originários é uma forma de estabelecer um diálogo com a conjuntura contemporânea da sociedade brasileira, assim como com outras disciplinas que têm se debruçado sobre o tema, como a história e a sociologia. Por isso, a produção literária em francês de Joséphine Bacon se apresenta como um possível suporte para o ensino de francês sob uma perspectiva decolonial e alinhada aos debates que perpassam a cultura e sociedade tanto no Brasil quanto no Canadá. Este estudo se propõe, portanto, a refletir a respeito de possíveis abordagens pedagógicas com a poesia de Joséphine Bacon para o ensino de francês no Brasil. Para tanto, selecionou-se um poema² do livro *Un thé dans la toundra / Nipishapui Nete Mushuat* para análise e reflexão de seus potenciais didáticos.

Visa-se, assim, identificar e evidenciar a importância da obra de Bacon com o intuito de contribuir para a difusão e para o estudo tanto da autora quanto da literatura indígena em francês no contexto brasileiro. Além disso, tem-se como objetivo refletir sobre as

¹ Alguns manuais, como o Manual de Comunicação da Secom (Senado), recomendam que os nomes dos povos indígenas sejam aportuguesados e escritos com inicial minúscula. No entanto, na Convenção para grafia dos nomes tribais (CGNT), realizada por antropólogos, estabeleceu-se que devem ser escritos com iniciais maiúsculas. Levando em conta que até a Funai segue a norma da CGNT, para este artigo, também se escreverá os nomes de povos indígenas com iniciais maiúsculas, mas se utilizará em minúsculas quando se tratar das línguas ou de adjetivos.

² Os poemas do livro não são intitulados, por isso, o poema aqui estudado será referido pela primeira estrofe “Ce matin”.

possibilidades de trabalho com a obra de Bacon, a partir de uma abordagem intercultural e interdisciplinar para o ensino e a aprendizagem de francês. Desse modo, este estudo apresentará, primeiramente, a trajetória de Joséphine Bacon e sua posição no âmbito da literatura indígena do Quebec; em seguida, será analisado o poema “Ce matin” do livro *Un thé dans la toundra* para, finalmente, refletir a respeito de possibilidades de trabalho com o poema em sala de aula.

2 POÉTICAS INDÍGENAS EM FRANCÊS

Neste capítulo inicial, pretende-se fazer um sobrevoo sobre a literatura indígena produzida na província francófona do Canadá, o Quebec, para, na sequência, apresentar a poeta Joséphine Bacon e um pouco de seu trabalho.

2.1 Literatura indígena no Quebec

O hábito dos povos originários de contar suas histórias e passá-las oralmente de geração em geração data de muito tempo, podendo ser considerado uma tradição milenar. Segundo a entrada para literatura indígena escrita por Brigitte Thiérion no *Atlas littéraire du Québec* (2020), mesmo nesses longínquos tempos em que as narrativas eram registradas apenas na memória de quem as ouvia e contava, havia uma diversidade de gêneros, entre eles os cânticos, as narrativas de caça, as lendas e os mitos. Os indígenas registravam, nessas narrativas orais e coletivas, o dia a dia e as tradições da comunidade, bem como refletiam e buscavam explicações para mistérios como a origem do mundo. Considerando que havia um trabalho artístico nesses gêneros orais, pode-se dizer que a literatura indígena já existia antes de ser registrada em livros, mesmo que de uma forma muito distante dos conceitos europeus de literatura e autoria (Thiérion, 2020, p. 313). Atualmente, a oralidade continua a fazer parte das expressões artísticas indígenas com algumas atualizações e remodelagens. Os *slams* de Natasha Kanapé Fontaine, as canções de Florent Vollant e Shauit, e o rap de Samuel Tremblay são exemplos de como a literatura indígena continua se reinventando tanto pela escrita quanto pela oralidade.

No século XIX, textos indígenas esparsos começaram a surgir, as cartas e a gramática do indígena abénaquis Joseph Laurent são um exemplo de publicações da época. Para além disso, no entanto, foi necessário aguardar até a década de 1970 para ver maior desenvolvimento da literatura escrita por indígenas no Canadá e no Quebec. O livro *Anish-Nab-Bé* (1971) de Bernard Assiniwi, é considerado a primeira obra escrita por um indígena a ser publicada no Quebec. Em 1976, por meio de uma autopublicação de An Antane Kapeshe, tem-se o primeiro ensaio bilíngue (francês-innu): *Je suis une maudite sauvagesse*. Rita Mestokosho foi outra autora a autopublicar seus primeiros poemas na década de 1990.

A partir de então, a literatura indígena no Canadá recebe mais notoriedade. Em 1997, dois autores indígenas são reconhecidos por premiações, Bernard Assiniwi venceu o *Prix France-Québec* pelo romance *La saga des Béothuks*, e Michel Noël o *Prix du Gouverneur*

général por seu romance infantojuvenil *Pien*. De acordo com Thiérion (2020, p. 314), desde a virada do milênio o movimento de escrita e publicação para ampliar as vozes autóctones tem crescido e ganhado ainda mais visibilidade.

Na última década, aumentou também a quantidade de primeiros livros publicados por autores jovens que dão continuidade ao engajamento iniciado na geração anterior. Quanto à temática, nota-se uma acentuação de publicações com engajamento político. Se antes a literatura era uma forma de afirmação identitária e de se curar em relação ao passado, agora ela é vista como espaço de debate, luta e manifestação em prol da proteção do planeta.

Nesse contexto, as mulheres indígenas, innues em especial, estão se destacando e conseguindo subverter a posição de invisibilidade e silêncio em que foram colocadas tanto por serem mulheres quanto por serem indígenas. Vale destacar que, nesse limiar entre oralidade e escrita, a poesia é um gênero privilegiado para essas artistas. Thiérion (2020, p. 316) considera Joséphine Bacon, Rita Mestokosho e Natasha Kanapé Fontaine como embaixadoras do povo Innu. A primeira, tema principal deste estudo, é a mais velha entre as três e desempenha um papel de guardiã de sua língua e cultura, privilegiando publicações bilíngues: em francês, para difundir sua cultura, e em innu-aimun, para preservá-la. Bacon honra seu território e seu povo com muita delicadeza e respeito pelos que vieram antes. Rita Mestokosho, por sua vez, desbravou o mercado editorial tendo sido a primeira poeta innue a ser publicada. Para Thiérion, Natasha Kanapé Fontaine é a voz da renovação, alimentada pela ambiguidade de estar na cidade e ao mesmo tempo buscar um retorno ao território de seu povo e às suas raízes. Na esteira dessas artistas, emergem outras como Manon Nolin, que aborda as violações sofridas pelas mulheres e pela terra, e a poeta e videasta Mélina Vassiliou em sua busca por reconciliação com a identidade fragmentada.

2.2 Joséphine Bacon

A poeta innue, nascida na comunidade de Pessamit no ano de 1947, perdeu a mãe aos três anos e, por isso, foi criada em um pensionato religioso dos cinco aos dezenove anos. Desde muito jovem, tomou para si a missão de contribuir para a preservação e divulgação da língua e da cultura de seu povo, primeiramente como professora de innu-aimun e documentarista e, em seguida, como poeta. Por sua dedicação a esses temas desde a década de 1970, ela recebeu um doutorado *honoris causa* em antropologia pela Universidade de Laval em 2016.

Em relação aos documentários, destaca-se *Tshishe Mishtikuashisht – Le petit grand*

Européen: Johan Beetz (1997), roteirizado e dirigido por Bacon. Mais recentemente, em 2020, ela própria foi tema do documentário *Je m'appelle humain* (2020) dirigido por Kim O'Bomsawin.

A escrita poética, por sua vez, surge na vida Bacon por incentivo da jornalista e amiga Laura Morali, como ela conta em um episódio do podcast *Le bruit de livres*³. À época, a jornalista criou um projeto que colocava em contato artistas indígenas com artistas não indígenas: a ideia era que pudessem dialogar e escrever juntos no gênero que preferissem. O resultado dessas correspondências literárias com formatos diversos — cartas, poesias, contos, etc. — foi publicado, em 2008, pela editora Mémoire d'encrier sob o título *Amititau ! Parlons-nous !*. Na ocasião, Joséphine Bacon fez par com o poeta quebequense José Acquelin — Laure talvez já intuisse que a poesia estava adormecida em sua amiga. Bacon conta que, apesar de nunca ter escrito poesia, começou a analisar a forma como Acquelin lhe escrevia e a respondê-lo de forma semelhante. Assim, criava seus primeiros poemas e reconhecia em si uma nova forma de se expressar e de difundir sua língua-cultura.

Da obra coletiva sonhada por Morali, surgiram algumas parcerias que permaneceram e deram origem a outras publicações, como *Nous sommes tous des sauvages* (2011) de Joséphine Bacon e José Acquelin e *Uashtessiu – Lumière d'automne* (2010) de Rita Mestokosho e Jean Désy.

No ano seguinte à primeira publicação coletiva, 2009, Bacon lançou o primeiro livro de poesia bilíngue, em innu-aimun e em francês, *Bâtons à message / Tshissinuatshitakana*, o que lhe rendeu o *Prix des lecteurs du Marché de la poésie de Montréal* pelo poema “Dessine-moi l’arbre”. Segundo a autora, o fundador e editor da Mémoire d'encrier, Rodney Saint-Éloi, sempre lhe deu muita liberdade e apoio para incluir a língua materna em suas publicações.

Un thé dans la toundra / Nipishapui nete mushuat (2013), o segundo livro bilíngue da poeta, foi finalista do *Prix du Gouverneur général* em 2014. Com o terceiro livro *Uiesh / Quelque part* (2018), Bacon venceu diversos prêmios, como o *Prix des libraires* em 2019. Assim, já se somam seis livros de poesia e algumas participações em coletâneas com diversos autores.

Afeita a esse trabalho coletivo, a autora está sempre colaborando em diversas obras com outros autores, seja com poemas, como em *Bonjour voisine* (2013), *Femmes rapaillées* (2016) e *Amun* (2016), ou com contos curtos, como em *Wapke* (2021).

Outra obra que se destaca em sua trajetória é *Nin Auass / Moi l'enfant* (Mémoire

³ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5gADQYBYiJd6FWY0LjPzZk?si=2d30acf8763248e7>

d'encrier, 2021), fruto de um projeto de Bacon com a jornalista Laura Morali em que elas percorreram dez comunidades innues do Quebec acompanhando crianças na escrita de poemas em innu-aimun e em francês. O livro reuniu alguns dos poemas escritos durante essa experiência. Por meio desse e de outros projetos, a autora se propõe a propagar sua paixão pela poesia e a transmitir às gerações seguintes as tradições que recebeu dos anciãos de sua comunidade, tornando-se uma espécie de elo entre passado e futuro.

Segundo Nicolas Beauclair,

O uso do francês abre uma brecha para um público mais amplo, mas nos parece que a presença do innu é ainda mais importante, pois torna visível essa língua “estrangeira” em seu próprio território e provoca um sentimento que pode ir da curiosidade ao desconforto diante dessa língua tão pouco conhecida pela sociedade quebequense majoritária (Beauclair, 2018, p. 131, tradução nossa⁴).

Dessa forma, Bacon se coloca na fronteira entre a colonização e a modernidade, entre o mundo indígena e não indígena, assumindo suas tensões e contradições.

Suas obras já foram temas de alguns estudos no Canadá, publicados principalmente em artigos e dissertações. No Brasil, as pesquisas sobre a autora ainda são bastante tímidas. O repositório da Capes registra apenas uma dissertação: *Uiesh – Quelque part de Joséphine Bacon: desafios de tradução* (2022) de Bartira Zanotelli Dias da Silva pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). O artigo de 2024 “Ancestralidade e oralidade nos poemas da autora indígena Joséphine Bacon”, de Bartira Zanotelli Dias da Silva e Michele Freire Shiffler, é o mais recente estudo publicado no país sobre a autora.

⁴ No original: “l’utilisation du français ouvre une brèche vers un public plus vaste, mais il nous semble que la présence de l’innu est d’une importance encore plus grande, rendant visible cette langue « étrangère » sur son propre territoire, et provoque un sentiment qui peut aller de la curiosité à l’inconfort devant cette langue trop peu connue de la société québécoise majoritaire.”

3 LITERATURA INDÍGENA E O ENSINO DE FRANCÊS

Neste capítulo, pretende-se adentrar na obra que guiará a reflexão pedagógica, primeiramente, por meio de um sobrevoo sobre o livro e, em seguida, com uma análise do poema “Ce matin”. Por fim, apresentar-se-á algumas reflexões sobre as possibilidades de integrar o poema ao ensino de francês.

3.1 Livro *Un thé dans la toundra*

A obra selecionada para estudo no âmbito deste trabalho foi a coletânea de poemas bilíngues, *Un thé dans la toundra / Nipishapui Nete Mushuat*, publicada em 2013 pela editora Mémoire d’encrier. Trata-se do segundo livro de Bacon, obra que nasceu de um reencontro com o território de seu povo. Em 1995, Joséphine Bacon participou do primeiro encontro com anciãos de todas as comunidades innues em Schefferville, acompanhando o caçador de caribus Ishkuateu-Shushep e sua esposa Maïna. Passando pela Taiga, Joséphine viu a Tundra de perto pela primeira vez. Ela estava participando de uma caçada e de rituais tradicionais, tudo isso como forma de retomar sua cultura, sua língua e tradições de que só havia ouvido falar. No prefácio do livro, a autora relata o seguinte: “Eu via com meus próprios olhos os vestígios desse ritual sobre o qual tanto ouvira falar nos relatos. Era mágico” (Bacon, 2013, p. 4, tradução nossa⁵).

Essa vivência levou Bacon a escrever os poemas publicados em *Un thé dans la toundra* como forma de homenagem à sua cultura, ao seu território e a tudo o que sentiu e viveu nessa viagem. Muito bem recebido pelo público e pela crítica, a obra foi finalista do *Prix du Gouverneur général* e do *Grand Prix du livre de Montréal* no ano de 2014. Sua poesia se direciona à segunda pessoa do singular, que se confunde com o leitor e com ela mesma em várias fases da vida, bem como seus parentes e ancestrais, fazendo um jogo que sempre retorna ao seu lugar de fala atual: uma mulher indígena que vive na cidade, desterritorializada. Ariane Langlois afirma que “A contemporaneidade desse discurso amplifica a presença física da locutora no tempo da realidade” (Langlois, 2022, p. 42,

⁵ No original: “Je voyais de mes propres yeux les traces de ce rituel dont j’avais tant entendu parler dans les récits. C’était magique”.

tradução nossa⁶). Além disso, os poemas não são intitulados, o que por vezes dá a impressão de serem um só, como uma longa carta-ode à Tundra, “*Tu me promets une terre pure*” (Bacon, 2013, p. 18).

Assim, é possível dizer que a Tundra perpassa toda a obra como tema, uma espécie de interlocutora e personagem principal. Os poemas também evocam elementos da natureza e a relação íntima, de parentesco, do eu lírico com eles, como nos versos “*Mes sœurs les vents*” (Bacon, 2013, p. 22) e “*Mon grand-père l’ours*” (Bacon, 2013, p. 35). Para Beauclair, os poemas de Bacon

[...] fazem-nos viajar por um universo que evoca a transmissão do saber pela oralidade, a importância dos elementos, dos animais e dos mestres dos animais, as particularidades de uma cultura cuja visão ontológica de mundo não traça fronteiras entre natureza e cultura e na qual o ser humano, aqui o Innu, vive uma relação consubstancial com a terra, com seu território (Beauclair, 2018, p. 138, tradução nossa⁷).

Esse universo no qual a obra está inserida, o da cultura indígena, é desvelado ao leitor com muita naturalidade e intimidade da autora com seus elementos e suas particularidades não só em *Un thé dans la toundra*, mas também em outros poemas e coletâneas publicadas. Pode se dizer que se trata do fio condutor de toda a produção de Joséphine Bacon até o momento. As idiossincrasias dos elementos da natureza e da relação entre eles no âmbito do universo indígena — mais propriamente innu — é justamente o que a autora deseja dar a ver e propagar com sua poesia. Em *Un thé dans la toundra*, especificamente, é possível observar que há uma familiaridade do eu lírico com a Tundra e o território indígena por meio da ancestralidade e espiritualidade. Por isso, mesmo que o movimento de aproximação física somente ocorra já na vida adulta de Bacon, durante sua participação do encontro de anciãos em Schefferville, a Tundra já fazia parte de seu imaginário e da construção de sua identidade indígena, e os elementos de fauna e flora desse bioma já eram considerados seus parentes.

3.2 Análise do poema selecionado

Neste item, tem-se um olhar voltado para o poema selecionado como objeto da análise e das reflexões sobre os seus potenciais didáticos. Trata-se de um poema disposto em páginas

⁶ No original: “La contemporanéité de ce discours amplifie la présence physique de la locutrice dans le temps de la réalité”.

⁷ No original: “[...] nous font voyager dans un univers évoquant la transmission du savoir par l’oralité, l’importance des éléments, des animaux et des maîtres des animaux, les particularités d’une culture dont la vision ontologique du monde ne trace pas de frontière entre la nature et la culture et dans laquelle l’être humain, ici l’Innu, vit une relation consubstantielle avec la terre, avec son territoire”.

mais adiantadas da obra dedicada à Tundra, mas ele nos revela um tempo anterior à viagem de Bacon a Schefferville, trazendo a expectativa de sua ida ao encontro dos anciãos e da Tundra.

A seguir, apresenta-se o poema nas duas línguas do livro:

Figura 1 – Poema em francês e em innu-aimun

Ce matin	Tshetshishep
Il neige à gros flocons	Mishta-mishpun
Je m'attarde à mon rêve	Anite nitapan
Je suis au pensionnat	Nipuamun nitshissituten
<u>S</u> eptembre, je pars avec mes <u>p</u> arents	Auassat ka kanuenimakaniht nititan
<u>S</u> ur le territoire	Ushkau-pishim ^u nikushpinan
Je suis le saumon qui remonte les ch utes	Ninatau-assinan ninatainan
Et fraie les eaux pour la pon daison	Nin um utshashumek ^u nunakamiun
Cette fois, im possible	Tshetshi amiuian
Car je dois <u>a</u> pprendre à lire et à <u>e</u> crire	Anutshish animan
Mon savoir devra <u>a</u> pprendre à <u>p</u> rendre le temp s	Nimishtikushiu-tshishkutamakun
Je dois être absente	Ishinakuan tshetshi upime ashtaiian nitinniun
De l' ensei gnement de mon identité	Ishinakuan tshetshi upime ashtaiian nitinnu-aitun
Aujourd'hui est aujourd'hui	Apu tshi uitshi-kushpimikau nikanishat
J' ensei gne mon identité	Anutshish kashikat
Dans une <u>s</u> alle de <u>cl</u> asse	Nitshishkutamatshen nitinniun
Je redeviens moi	Mishtikushit
Dans un <u>r</u> ire	Nin um kau
J'ignore si demain me gardera intacte	Uesh ma nushinen
Je dis que l' <u>e</u> spoir de <u>s</u> e <u>l</u> aiss <u>e</u> r être	Apu tshissenitaman
Éloigne le dés espoir	Uapaki eshk ^u a nika innu-mateniten
	Nipakushenitamun nuitshikun
	Tshetshi eka patshitenimuian

Fonte: Bacon, 2013.

Ao observar o tema evocado pelo poema, percebe-se que a Tundra aparece como sonho a ser realizado, um sonho de reencontro com seu território e com seus parentes/pais. A poeta parece intercalar momentos em que está de volta ao pensionato da infância e adolescência, quando lhe era impossível fazer esse retorno, com a expectativa de viagem para a terra onde nasceu — de volta ao lar — e com sua vida no instante em que escreve. Essa viagem pode ter um duplo sentido, representando tanto as viagens migratórias, de acordo com as estações que caracterizavam o nomadismo do povo Innu, quanto a viagem que Joséphine fez à Tundra em 1995. Ariane Langlois (2022, p. 44, tradução nossa⁸) destaca essa relação

⁸ No original: “La neige est le mode de représentation du territoire de son enfance – c’est durant la longue période hivernale que les familles parcouraient Nutshimit”.

com o território e as migrações innues ao dizer que, no início do poema, “a neve é a forma de representação do território de sua infância — é durante o longo período de inverno que as famílias percorriam Nutshimit”.

Além disso, os versos revelam, por um lado, as violências sofridas pelos resquícios de colonização que ainda assolam os indígenas, principalmente o apagamento e a negação de suas culturas de origem. Nesse contexto, é importante lembrar da trajetória de Joséphine Bacon, de sua infância no pensionato, com a imposição de se comunicar em francês e aprender outra cultura. Na poesia, isso aparece por meio da impossibilidade de realização do sonho do eu lírico de estar em seu território por causa do dever de aprender a ler e a escrever (“*Car je dois apprendre à lire et à écrire*”), o que leva também ao dever de se ausentar da cultura materna, isto é, da sua própria identidade (“*Je dois être absente / De l’enseignement de mon identité*”). Por outro lado, nas três últimas estrofes, vê-se que houve resistência a essas forças de aculturação, um reencontro com a própria identidade, bem como um esforço para reagir na medida em que o eu-lírico afirma não só ter retornado a si, à sua identidade, mas também ter a oportunidade de ensiná-la a outros, disseminando a cultura de seu povo. Segundo Langlois (2022, p 44, tradução nossa⁹), “A enunciativa-poeta se apresenta, assim, como uma guardiã de sua cultura. Ela compartilha seu saber por meio da palavra, da escrita e do ensino [...]”.

Essa posição fronteiriça, entre duas culturas, que a autora ocupa aparece também na ambiguidade de algumas palavras da poesia em francês. Um exemplo é o uso de “parents”, que pode se referir aos pais, bem como aos parentes, ou seja, a outras pessoas indígenas. O termo “fraie”, conjugação na terceira pessoa do singular para o verbo “frayer”, também é polissêmico, podendo significar: “ouvrir (une voie) en piétinant et/ou en repoussant les obstacles” [abrir (um caminho) pisoteando e/ou afastando os obstáculos] (Portail), como se abrir caminho pelas águas para voltar ao seu território fosse um esforço da enunciativa, comparando-se ao salmão que sobe os rios contra a correnteza para garantir sua reprodução. Outra acepção para o verbo seria “féconder ou déposer les œufs (selon qu’il s’agit du poisson ou de sa femelle)” [fecundar ou depositar os ovos (conforme se trate do peixe ou de sua fêmea)] (Portail), criando essa imagem de continuidade da espécie como metáfora para a disseminação língua-cultura innue por meio do ensino. Outro verbo que contribui para essa mistura entre dois tempos e dois mundos no poema é o verbo “apprendre”, que em francês funciona como uma via de mão dupla, para aprender e para ensinar, “recevoir, donner un

⁹ No original: “L’énonciatrice-poète se présente ainsi telle une gardienne de sa culture. Elle partage son savoir par la parole, l’écriture et l’enseignement [...]”.

enseignement” [receber, dar um ensinamento] (Portail), ressoando o fato de Joséphine Bacon ter sido obrigada a aprender a falar e a escrever em francês no pensionato desde a infância e também sua missão, na vida adulta, de ensinar a língua materna e retomar sua cultura de origem.

Nesse sentido, a própria forma do poema em versos livres também aponta para uma ruptura com o sistema hegemônico a que a autora se propõe. Não há padrão entre estrofes, versos ou rimas. Mesmo assim, a tessitura fônica se apresenta melodiosa, de forma próxima à oralidade de uma contadora de histórias. Rita Olivieri-Godet (2022, p. 15), ao analisar as vozes de poetas indígenas no Brasil e no Canadá, afirma que “[...] as relações entre oralidade e literatura escrita devem ser pensadas mais como um tecido contínuo do que como ruptura ou substituição de uma pela outra”. Desse modo, é natural que a poesia de Joséphine Bacon guarde características como as repetições, que se relacionam com a tradição oral de seu povo, o que não o faz menos poético.

Ainda no campo dos versos livres, no livro *Traduzir o poema*, Álvaro Faleiros chega à conclusão de que “[...] um dispositivo característico do texto poético é a reiteração. Assim, o efeito causado por um texto poético vincula-se, frequentemente, ao jogo de repetições; dinâmica essa que envolve diretamente as reiterações fônicas – vocálicas e consonantais” (Faleiros, 2012, p. 144). Em “Ce matin”, nota-se assonâncias com os sons em [ã] e [õ] que percorrem todo o poema — como destacado em negrito no poema, anteriormente. Há ainda aliterações, principalmente a partir da consoante “s”, mas também com “p” e “r” — como destacado pelo sublinhado. Além desses sons recorrentes, tem-se palavras repetidas — “apprendre” e “aujourd’hui” — e palavras ou frases que se assemelham oralmente — “apprendre à prendre”, “De l’enseignement de mon identité”, “J’enseigne mon identité”, “l’espoir” e “le désespoir”.

Por fim, mesmo sem conhecimento da língua innu-aimun, é interessante observar como o poema é constituído na língua materna de Bacon. Observando graficamente, é possível perceber, por exemplo, que há mais versos do que em francês e que, pela quantidade de “s” e “sh” e outras palavras escritas de forma semelhante, o poema se torna ainda mais sibilado e com mais reiterações.

3.3 Possibilidades para ensino de francês com o poema “Ce matin”

Neste item, apresenta-se uma reflexão sobre as possibilidades para se trabalhar o poema “Ce matin” no ensino de francês. Vale ressaltar que não se pretende, com este estudo,

trazer uma proposta fechada em forma de plano de aula ou ficha pedagógica para aplicação ou reprodução. O objetivo é apresentar leituras possíveis do poema “Ce matin” de Joséphine Bacon e as portas que ele abre ao ensino de francês, sob uma perspectiva intercultural e decolonial. Visa-se, assim, suscitar reflexões que possam ser ampliadas e adaptadas a diversos contextos de ensino e propostas pedagógicas variadas.

O texto *Quel interculturel en classe de FLE ? Analyse et proposition de scénarios* (2013), escrito por Josette Virasolvit, pode ajudar a compreender como a interculturalidade está presente no ensino de francês. A autora afirma o seguinte:

[...] trata-se de apreender a diversidade cultural como um enriquecimento, de fazer da experiência da heterogeneidade uma oportunidade de valorização recíproca das duas culturas presentes, que poderiam trabalhar juntas para um compartilhamento comum sem renunciar à sua singularidade própria (Virasolvit, 2013, p. 66, tradução nossa¹⁰).

Em qualquer situação de interação humana, o fato de se falar a mesma língua não é uma garantia de compreensão plena. É necessário levar em conta alguns fatores culturais, como as expressões faciais, a postura, os gestos e os silêncios, que variam de cultura a cultura. É por isso que, segundo Virasolvit (2013), a competência intercultural é indispensável nas situações de comunicação em geral, e é claro que no contexto de ensino de línguas estrangeiras isso não seria diferente. Por isso, aprender uma nova língua implica em aprender também seus aspectos culturais.

Assim, nos contextos de ensino de línguas estrangeiras, a interculturalidade tem um papel muito importante porque fornece ferramentas necessárias para se comunicar em outra língua-cultura. Mas isso não quer dizer que quando se aprende uma nova língua fica-se tão imerso em sua cultura que não se tem mais influência da cultura de origem, pois esta será sempre uma influência em nossa relação com o mundo e com outras culturas.

Belén Artuñedo Guillén (2009, p. 238), por sua vez, trata da interculturalidade como uma possibilidade de crescimento identitário por meio de uma identificação que envolve muita negociação entre afinidades e diferenças. Ao definir os textos literários no ensino de francês como *passseurs culturels*, Guillén afirma que eles permitem mostrar várias facetas das relações entre culturas, como “[...] o conflito e a admiração, a dificuldade e a apropriação, a

¹⁰ No original: “[...] il s’agit d’appréhender la diversité culturelle comme un enrichissement, de faire de l’expérience de l’hétérogénéité l’occasion d’une valorisation réciproque des deux cultures en présence qui pourraient travailler ensemble à des mises en commun sans renoncer à leur singularité propre”.

exclusão e o reconhecimento ao mesmo tempo em que delineiam a paixão pela comunicação e pela criação em uma língua estrangeira, o francês.” (Guillén, 2009, p. 239, tradução nossa¹¹).

Nesse sentido, é possível afirmar que o trabalho pedagógico com o poema “Ce matin” de Joséphine Bacon pode ser desenvolvido por meio de uma abordagem intercultural. Em relação ao público-alvo, pensou-se principalmente nos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental¹², principalmente nos 8º e 9º anos, pois o poema tem algumas características que favorecem a leitura nesses níveis, tais como: predominância do presente do indicativo; temáticas já estudadas na disciplina de francês como os meses do ano, os momentos do dia, o vocabulário de família e os pronomes possessivos, entre outras; e o próprio gênero poesia, que normalmente é apresentado desde o 6º ano tanto em francês quanto em português.

Desse modo, vamos elencar algumas possibilidades de trabalho para exemplificar como o texto literário poderia entrar em sala de aula sem ser reduzido a um pretexto para a aquisição de estruturas linguísticas ou restrito ao desenvolvimento de competências linguageiras, de modo a que o fator intercultural seja valorizado e o texto literário possa desempenhar um papel central no processo de ensino e aprendizagem de francês.

Nossa reflexão também tem como base a discussão sobre o papel e o espaço do texto literário no ensino de francês, apresentada por Daniele Azambuja de Borba Cunha em sua tese *L'utilisation de textes littéraires dans la classe de Français langue étrangère (FLE) à l'école* (2019). Cunha (2019, p. 156) compreende que o contato com literatura em sala de aula deve ocorrer em um movimento dialético de idas e vindas para que as discussões e a compreensão do texto amadureçam paulatinamente. Para isso, a pesquisadora sugere a escolha de um *corpus* mais sucinto, com o intuito de possibilitar esse aprofundamento em reflexões e discussões em torno do texto literário.

Assim, no âmbito do nosso estudo, surgiu a ideia de trabalharmos com apenas um poema, “Ce matin”, partindo de um debate mais amplo para chegar aos detalhes do poema. Para isso, o ponto inicial seria ainda anterior: o próprio gênero literário, a poesia. Antes mesmo de apresentar a poeta e o texto a ser estudado, o conceito de poesia entraria em debate e seria delimitado junto aos estudantes, permitindo que eles tragam suas impressões e experiências pessoais com textos poéticos.

¹¹ No original: “[...] le conflit et l’admiration, la difficulté et l’appropriation, l’exclusion et la reconnaissance en même temps qu’ils tracent la passion de la communication et de la création dans une langue étrangère, le français.”

¹² É importante ressaltar que pesquisadora e professora Natália Oásis de Oliveira atua no ensino de francês nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da Universidade de Goiás (UFG). Nesse contexto, o francês é uma disciplina obrigatória para os anos finais do Ensino Fundamental e optativa para o Ensino Médio. Assim, os alunos iniciam os estudos no 6º ano e podem dar continuidade até a 3ª série, sem que haja turmas de iniciantes no Ensino Médio.

Em seguida, haveria uma apresentação de Joséphine Bacon e de *Un thé dans la toundra* por meio de algumas informações e do vídeo de divulgação do livro, seguida de uma primeira leitura conjunta do poema. Nesse momento, seria possível fazer um paralelo com o contexto dos indígenas no Brasil, evocando os conhecimentos prévios sobre o assunto, assim como retomar o conceito de poesia e pedir aos estudantes para analisar se o texto poderia ou não se enquadrar nas características que haviam debatido anteriormente.

Para iniciar o estudo de “Ce matin” em si, os temas evocados podem ser uma boa porta de entrada para discussões mais direcionadas. Uma sugestão seria deixar os alunos lerem sozinhos e buscarem palavras desconhecidas em dicionários, antes de retomar o debate coletivo. A partir disso, poderíamos debater como a Tundra inspira o poema, além de imagens e metáforas construídas pela autora, como, por exemplo, a do salmão que sobe pelas quedas d’água para se reproduzir.

Outra forma de se trabalhar com o poema, pensando na competência oral, seria pela fonética. Neste caso, é possível fazer a análise prévia dos sons do poema coletivamente com a turma, evidenciando os aspectos observados anteriormente, no início deste estudo. Nesse contexto, também é possível tentar desvendar os sons do poema em innu-aimun como forma de suscitar curiosidade nos estudantes e talvez criar uma consciência sobre a diversidade linguística que há no mundo, enfatizando as inúmeras línguas indígenas existentes também no Brasil e como elas ainda hoje são silenciadas. Depois de criar essa familiaridade com os sons presentes em “Ce matin”, pode-se organizar uma apresentação entre os alunos para declamarem o poema, seja em sala de aula, seja em algum evento da escola ou até por meio de vídeos. Ainda com relação ao trabalho fonético, para o desenvolvimento da pronúncia, pode-se explorar as leituras de poemas disponíveis online na voz da própria autora, tanto em francês quanto em innu-aimun. Esse material poderia se desdobrar em uma observação do francês com sotaque quebequense e dos sons em innu-aimun ou mesmo em uma inspiração para a produção de vídeos semelhantes por parte dos estudantes.

Ainda pensando em uma abordagem intercultural, é possível trazer para a discussão, como forma de comparação, poetas indígenas do Brasil — Graça Graúna, por exemplo — que podem fazer esse paralelo entre as culturas indígenas e criar espaço para uma experiência intercultural de forma tripla, entre os alunos não indígenas e as duas realidades dos povos indígenas, no Brasil e no Canadá. Para além disso, muitos temas podem se desdobrar desse trabalho com o texto literário: a história da colonização nos dois países, a atualidade dos direitos indígenas, as inúmeras línguas indígenas faladas nos dois países e que não possuem grande visibilidade, as diferenças e semelhanças culturais, entre outros.

Por último, uma proposta prática de trabalho com o poema seria que a análise e o debate culminassem na produção de poemas bilíngues em francês e em português, ou outras línguas faladas pelos estudantes. Uma sugestão, neste caso, seria utilizar os biomas brasileiros, como se os alunos pudessem agora dialogar com Joséphine Bacon falando de seus próprios territórios, de suas histórias familiares ou mesmo de lugares que visitaram. Este seria um projeto que poderia abranger outras disciplinas, como a língua portuguesa e a geografia, fomentando o desenvolvimento interdisciplinar dos estudantes.

Desse modo, como já dito anteriormente, não se pretendeu produzir um plano de aula objetivo tendo como suporte o poema “Ce matin”, mas sim trazer reflexões sobre as possibilidades que o texto literário pode oferecer para o ensino de francês. Espera-se que as sugestões aqui apresentadas sejam pontos de partida para se desenvolver um trabalho pedagógico com a poesia de Joséphine Bacon e que possam suscitar novas ideias e formas de se abordar literatura em sala de aula.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi discutido, evidencia-se que destacar Joséphine Bacon no contexto do ensino de francês representa não apenas uma oportunidade pedagógica enriquecedora, mas também um aceno a uma mudança epistemológica no sentido de aumentar a diversidade dos textos e dos temas debatidos. O ensino por meio de sua obra promove o contato com narrativas indígenas contemporâneas que iluminam questões históricas e atuais. Em 2008, a Lei nº 11.645 tornou obrigatório o estudo da história e das culturas afro-brasileira e indígena no Brasil. Desde então as escolas buscam aumentar o espaço dedicado a essas temáticas em seus planejamentos pedagógicos. Trabalhar somente com Bacon não seria de fato atender a essa exigência legal, mas, ao trazer a cultura indígena brasileira para uma comparação, de forma a promover o reconhecimento da potência e a valorização da diversidade de vozes na formação de leitores críticos e sensíveis, a disciplina de francês também poderia suscitar o debate em torno do tema e, assim, contribuir para o enriquecimento do cumprimento de tal legislação.

Com este estudo, pretende-se principalmente ter contribuído para a divulgação da obra de Joséphine Bacon no Brasil, bem como para a ampliação do debate sobre o papel da literatura na educação. Ao trazer uma autora indígena para o ensino de francês, propõe-se uma prática pedagógica orientada por perspectivas interculturais, decoloniais e mais engajadas com questões sociais contemporâneas, especialmente aquelas ligadas à memória, à identidade e à resistência dos povos originários.

Além disso, este trabalho pretendeu demonstrar a necessidade de se repensar continuamente as práticas de ensino de línguas estrangeiras, de modo a que elas ultrapassem os limites do eurocentrismo e acolham a pluralidade de mundos, saberes e experiências que o francês, como uma língua mundialmente falada, também carrega. Dessa maneira, a literatura deixa de ser apenas um instrumento para o aprendizado linguístico e se afirma como uma via para a formação cidadã, crítica e inclusiva.

Por fim, é importante destacar que a pesquisa em torno dessa temática ainda está em processo de consolidação no Brasil. A recepção da literatura indígena francófona no contexto do ensino de francês carece de mais estudos, de mais traduções e de mais espaço de circulação, tanto em materiais didáticos quanto nos meios acadêmico e cultural. Assim, espera-se que este estudo possa inspirar outras iniciativas, tanto no âmbito da pesquisa quanto da prática pedagógica, fortalecendo a presença de vozes indígenas nas salas de aula e

ampliando as possibilidades de construção de um ensino de francês mais diverso, democrático e engajado.

REFERÊNCIAS

BACON, Joséphine. **Bâtons à message / Tshissinuashitakana**. Montreal: Mémoire d'encrier, 2009.

BACON, Joséphine. **Un thé dans la toundra / Nipishapui nete mushuat**. Montréal: Mémoire d'encrier, 2013.

BEAUCLAIR, Nicolas. Littérature amérindienne, éthique et politique : la poétique décoloniale de Joséphine Bacon. **Studies in Canadian Literature / Études en littérature canadienne**, New Brunswick, v. 43, n. 1, p. 128-145, 2018. DOI: <https://doi.org/10.7202/1058064a>. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/scl/2018-v43-n1-scl04443/1058064ar.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2025.

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula: cadernos de análise literária**. São Paulo: Ática, 1985.

CUNHA, Daniele Azambuja de Borba. **L'utilisation de textes littéraires dans la classe de Français langue étrangère (FLE) à l'école**. 2019. 157 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

FALEIROS, Álvaro. **Traduzir o Poema**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2012.

GUILLEN, Belén Artuñedo. La “littérature-monde” dans la classe de FLE : passage culturel et réflexion sur la langue. **Synergies Espagne**, Évreux, n. 2, 2009, p. 235-244. Disponível em: <https://gerflint.fr/Base/Espagne2/belen.pdf>. Acesso em : 15 abr. 2025

KWAHIATONHK!. “Joséphine Bacon”. Quebec: 2023. Disponível em: <https://kwahiatonhk.com/auteurs/josephine-bacon/#1533653833396-3a68569f-b417>. Acesso em: 2 abr. 2025.

LANGLOIS, Ariane. **L'espace-temps paradoxal dans la poésie de Joséphine Bacon : Bâtons à message / Tshissinuashitakana, Un thé dans la toundra / Nipishapui nete mushuat et Uiesh / Quelque part**. 2022. 109 f. Dissertação (Maîtrise en études françaises — Cheminement en littérature et culture) — Département des arts, langues et littératures, faculté des lettres et sciences humaines, Université du Québec à Montréal, Sherbrooke, 2022.

OLIVIERI-GODET, Rita. **Vozes de mulheres ameríndias nas literaturas brasileira e quebequense**. Niterói: Edições Makunaima, 2022. Disponível em: <http://www.edicoesmakunaima.com.br/2022/07/20/vozes-de-mulheres-amerindias-nas-literaturas-brasileira-e-quebequense/>. Acesso em: 9 abr. 2025.

PORTAIL lexical. **Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales**. Nancy Cadex: 2012. Disponível em: <https://www.cnrtl.fr/definition/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

THIÉRIION, Brigitte. La littérature autochtone: le papier et la voix. In: Hébert, Pierre; Andrès, Bernard; Gagnon, Alex (orgs.). **Atlas littéraire du Québec**. Montreal: Fides, 2020.